

## O PENSAMENTO [DO SER] DA TÉCNICA EM HEIDEGGER – I

### *The Thought (of the Being) of Technology in Heidegger – I*

José Ricardo Barbosa Dias  
UFPI

**Resumo:** O que se pretende com o título “O Pensamento [do Ser] da Técnica em Heidegger” é enfatizar o pensamento. Isso porque, mais do que dar um diagnóstico definitivo para a questão da técnica atual, Heidegger pretendeu acentuá-la como questão que faz pensar o pensamento, isto é, o próprio homem em sua possibilidade de se relacionar livremente com aquilo que é seu destino: a técnica. Como se relacionar livremente com a técnica sendo ela nosso destino? Se há uma resposta heideggeriana a essa questão deve ser: através do asseguramento do pensamento em sua essência, em sua piedade: o questionar. Daí porque temos a *Carta sobre o humanismo* (1946) como norte e pano de fundo de nosso texto, muito mais que *A questão da técnica*, de 1953, na qual ele define a sua essência moderna, muito embora ali também seja essa a questão. Nosso projeto de texto se dá em dois momentos básicos, nos quais indicamos dois aspectos do pensamento do ser em Heidegger que nos permite uma relação livre com a técnica: a possibilidade (I) e o nada (II). Este último a ser desenvolvido posteriormente. Aqui apresentamos a parte I.

**Palavras-Chave:** Heidegger. Ser. Técnica. Pensamento. Possibilidade.

**Abstract:** What it is aimed with this title “The Thought [of Being] of Technique in Heidegger” is to emphasize the thought. This is because, more than giving a definitive diagnosis to the question of the present technique, Heidegger sought to accentuate it as a question that makes you think the thought, that is, man himself in his ability to relate freely with what is your destination: technique. How to relate freely with the technology if it is our destiny? If there is a Heidegger's answer to this question it should be: through the securing of thought in its essence, in your mercy: the questioning. That is why we have the “Letter on Humanism” (1946) as the North and background of our text, much more than “The question of technology”, from 1953, in which it defines its modern essence, although there is also the same question. Our text appears in two basic moments in which we indicate two aspects of the thought of being in Heidegger that allows us a free relationship with technology: the possibility (I) and the nothing (II). The last part will be developed later. Here it is the part I.

**Key words:** Heidegger. Being. Technology. Thought. Possibility.

Se quiseres pegar algo, primeiro deves deixar que te seja dado. Isto se chama a sutil percepção da forma como são as coisas. (Lao Tzu, 2006, p. 42)

[...] o homem só é capaz de buscar se tiver antecipado a presença do que busca. (HEIDEGGER, 2008, p.119)

Seja qual for o movimento do homem ele sempre já se vê inserido no que já se lhe revelou. (Id., 2002, p. 22)

Toda busca retira do que busca a sua direção prévia. (Id., 2006, p. 40)

## 1. Introdução

Heidegger não está, em última instância, preocupado com a técnica, mas com o pensamento. A técnica está sendo o que ela é. E o pensamento, está sendo o que ele é? A “essência” da técnica não é algo de técnico (HEIDEGGER, 2002, p.11). Ou seja, não se trata de evitar a técnica em seu curso (destino), mas de não se deixar perder o *pensamento* da técnica, que não é da técnica, mas *do ser*. Não se deixar perder o questionar da técnica, pois este “[...] é a piedade do pensamento.” (Ibid., p.38). É somente com a salvaguarda do que significa pensar que nós podemos conviver livremente com isto que é nosso destino: a técnica. A técnica não deve assumir a natureza de nosso pensar, mas ele deve ser tal que se mantenha o pensar a técnica em seu ser, segundo o pensar do ser. Nosso pensar não deve se reduzir a uma essência técnica. A uma técnica de intervenção na natureza. Pensar como tal é “o pensar do ser” (Id.,1987, p.28). A forma mais radical e livre de se intervir na sociedade tecnificada atual é, portanto, *deixar-ser* o pensar do ser. Aquele que deixa pensar o possível e o nada como ser.<sup>1</sup>

Heidegger intitula sua conferência de 1953: *A questão da técnica* (grifo nosso), porque deseja entender o pensamento. Daí ele concluí-la com a sentença já referida: “O questionar é a piedade do pensamento”. Daí ele iniciar *Ser e tempo* (§2) com a re colocação da questão do ser a partir da estrutura de todo questionamento como tal e dedicar dois volumes (13 e 14) da 1ª Seção de sua *Gasamtausgabe* à determinação

<sup>1</sup> A questão, portanto, não é para quê filosofia, mas: para quê mais um pensamento que se submeta à lógica e às exigências da utilidade-valorização técnica do mundo atual?

da experiência e do assunto do pensar. Heidegger quer saber se é possível uma nova maneira de pensar (2001, p.38), ou seja, um pensar não metafísico ou técnificado. A virada que devia se dá já em *Ser e tempo* (3ª Seção: Tempo e ser) não aconteceu porque aí a linguagem ou o pensamento metafísico, ainda presente em seu tratado, não permitiu, travou o caminho. Exigiu uma parada na forma, para, então, retomar o caminho.

Assim, o perigo não é que a técnica seja o que é em sua essência: *Bestand e Gestell*, composição que determina, instala, o ente em sua totalidade, enquanto aquilo que dispõe, torna disponível todo ente (Id., 2002, p. 21-23). O perigo é que isso venha a determinar por completo o pensar. Nesse sentido, quando Heidegger afirma, na referida conferência de 1953, que não há nada de demoníaco na técnica ( Ibid., p.30), quer ele, antes de tudo, nos dizer que a técnica não é coisa do demônio, mas é coisa do homem. É coisa do homem na sua relação essencial com o ser e sua determinação. É coisa do perder-se ou ganhar-se do homem (Id., 2006, p.86). Do ser como possibilidade. Como possibilidade do nada. É, por isso, um modo da verdade como *aletheia*.

A técnica é, em sua essência, um destino ontológico-histórico da verdade do ser, que reside no esquecimento. A técnica não remonta, na verdade, apenas com seu nome, até à *téchne* dos gregos, mas ela origina-se ontológico-históricamente da *téchne* como um modo de *aletheiein*, isto é, do tornar o ente manifesto. Enquanto uma forma de verdade, a técnica funda-se na história da metafísica. (Id., 1987, p.66)

Nesse sentido, tão importante quanto dizer a técnica em sua ameaça bélica, é dizê-la em sua essência impensada e nos pormos, uma vez mais, em questão na questão da técnica. Questionarmos sobre o nosso destino: a técnica. Pensarmos. Daí o texto de Heidegger em foco não ser sua conferência de 1953, mas seu texto de 1946: *Carta Sobre o Humanismo*. Nela Heidegger diz o essencial, aqui perseguido, sobre a relação entre *técnica, ser e pensar*.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Não se deve esperar de nós aqui uma exegese minuciosa das citações longas que faremos da *Carta sobre o humanismo*. Nosso propósito é tê-las como norte e pano de fundo para nossa apresentação da referida relação: técnica, ser e pensar, nessa obra presente.

Para primeiro aprendermos a experimentar, na sua pureza, a [...] essência do pensar ["Pensar é *l'engagement par l'Être*."(Id., 1987, p.34)], o que significa, ao mesmo tempo, realizá-la devemos libertar-nos da interpretação técnica do pensar, cujos primórdios recuam até Platão e Aristóteles. O Próprio pensar é tido, ali, como *téchne*, o processo da reflexão no serviço do fazer e do operar. A reflexão, já aqui, é vista desde o ponto de vista da *práxis* e *poiesis*. Por isso, o pensamento, tomado em si, não é "prático". A caracterização do pensar como *teoria* e a determinação do conhecer como postura "teorética" já ocorrem no seio da interpretação "técnica" do pensar. É uma tentativa de reação, visando salvar também o pensar, dando-lhe ainda uma autonomia em face do agir e operar. Desde então, a "Filosofia" está constantemente na contingência de justificar a sua existência em face da "Ciências". Ela crê que isto se realizaria da maneira mais segura, elevando-se ela mesma à condição de uma ciência. Este empenho, porém, é o abandono da essência do pensar. A filosofia é perseguida pelo temor de perder em prestígio e importância, se não for ciência. O não ser ciência é considerado uma deficiência que é identificada com a falta de cientificidade. Na interpretação técnica do pensar, o ser é abandonado como o elemento do pensar. A "Lógica" é a sanção desta interpretação que começa com a Sofística e Platão. [...]. Já há muito tempo, demasiado tempo, o pensar está fora do seu elemento. (Id., 1987, p.34-35)

Considerando esse nexos, técnica, ser e pensar (*aletheia*), descrito na citação acima, bem como a situação do pensamento (fora do seu elemento: o ser) nele implicado, ressaltaremos um dos dois aspectos do pensar do ser em Heidegger, que podem garantir um livre relacionamento com a técnica, em sua essência, como disponibilidade: o ser como o possível.<sup>3</sup>

## 2. Ser como o possível ou do pensar como risco e como anterior ao lógico e ao valorativo

[...] o pensar é o pensar do ser. O genitivo tem duplo significado. O pensar é do ser, na medida em que o pensar, apropriado e manifestado pelo ser, pertence ao ser. O pensar é, ao mesmo tempo, pensar do ser, na medida em que o pensar, pertencendo ao ser, escuta o ser. Escutando o ser e a ele pertencendo, o ser é aquilo que ele é, conforme sua origem essencial. O pensar é – isto, quer dizer: o ser encarregou-se, dócil ao destino e por ele dispensado, da essência do pensar. Encarregar-se de uma "coisa" ou de uma "pessoa" na sua essência significa: amá-las, **querê-las**. Este querer significa, quando pensado mais originariamente: dom da essência. Tal querer é a essência própria do **poder**, no qual não é apenas capaz de produzir isto ou aquilo, mas é capaz de **deixar que**<sup>4</sup> algo desdobre o seu ser em sua pro-veniência, isto significa, que é capaz de fazer-ser. O poder

<sup>3</sup> O outro aspecto, a ser desenvolvido, o ser como nada, comporá uma segunda parte desse meu artigo.

<sup>4</sup> Ver Heidegger, M. *Metafísica de Aristóteles - Ø 1-3*: sobre a essência e a realidade da força. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

do querer é a graça pela qual alguma coisa é propriamente capaz de ser. Este poder é propriamente o **possível**; aquele possível, cuja essência repousa no querer. É a partir deste querer, que o ser é capaz de pensar. Aquele[o querer] possibilita este[o pensar]. O ser como o que pode e quer é o “possível”. O ser como o elemento é a “força tranqüila” de poder que quer dizer, isto é, do possível. **Poder algo** significa, aqui: **guardá-lo na sua essência, conservá-lo no seu elemento**. (Id., 1987, p.37-38, grifo nosso)

Heidegger faz uma contraposição ao possível lógico-formal da metafísica clássica, tal como, por exemplo, em Leibniz: o que pode ser pensado sem contradição; em Kant: como categoria modal do entendimento, como predicado subjetivo<sup>5</sup>, “[...] o que *ainda* não é real e *nunca* será necessário” (Id., 2006, p.204); e na escolástica: como submetido ao ato puro ou a substância, por excelência, ou seja, ao melhor, o mais elevado.<sup>6</sup> Nenhum desses modos de determinação do possível o contempla no sentido do livre, ou seja, do deixar algo repousar em si mesmo (Id., 1992, p.23). O possível como livre não quer dizer vazio, mas ocupável, seja pelo vazio seja por outra coisa qualquer (Id., 2001, p.41-43). Daí que, o poder-querer-possível, ou seja, o pensar do ser como tal, quer, aqui, dizer: possível não representável, possível como livre, diferente, por exemplo, da espera, cujo caráter de possível por está comprometido com a realização de algo é de logo abandonado pelo real. (Id., 2006, p.338-339)

Voltando-nos, agora, para *A questão da técnica* em seu final, vemos que a *Carta sobre o humanismo* antecipa o sentido de piedade ali presente, que, então, quer dizer: o questionar é o poder-querer-possível do pensamento. O que quer dizer: guardá-lo na sua essência, conservá-lo no seu elemento. Com efeito, na conferência de 1953, quando esse termo comparece associado à arte, Heidegger acentua que a arte, no começo grego do ocidente, era a piedade (πρόμος): “integrada na regência e preservação da verdade” (Id., 2002, p.36). Juntando-se as duas situações temos que o questionar é a guarda, a conservação, regência, preservação do pensar em seu elemento, em sua verdade, ou seja, na verdade do ser. O questionar é o poder-querer-possível pensar na verdade do ser.

<sup>5</sup> Ver Id. *Kant y El problema de la metafísica*. Trad. de Gred Ibscher Roth. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

<sup>6</sup> Ver Id. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

O pensamento [do Ser] da técnica significa, então, por um lado: o pensar metafísico ou técnico como “incondicional objetivação de tudo” (Ibid., p.38)<sup>7</sup>, que pensa a técnica como instrumento, que, por fim, vira atividade acadêmico-cultural, que faz da filosofia uma técnica de explicação das coisas em suas causas últimas (Ibid), cuja estrutura ocidental é a lógica, o valor, o antropológico e o instrumental. A questão aqui, portanto, é: se tudo pode ser objetivado (ou seja, logicizado, valorado, antropologizado e instrumentalizado), então não devemos dar somente a primeira palavra à ciência e à técnica, mas toda a palavra. Contudo, se há para ou no pensamento outra possibilidade, eis a questão para o Heidegger do pensamento da técnica. O suposto heideggeriano é que a técnica como tal não é coisa da técnica, posto que esse “tal” não é técnico, assim como, por exemplo, a biologia como tal não é coisa da biologia, posto que esse “tal” não é biológico. Nesse sentido, é que, para Heidegger, “a ciência não pensa”. (1996, p.13-14; 1962, p.172-173)

Por outro lado, portanto, o pensamento [do Ser] da técnica, aqui, indica o pensar como o poder, o querer e o possível, ou seja, o poder-querer a verdade do ser. Poder-querer o que não se pode objetivar e tornar disponível. Mas o deixar-ser o possível, o livre. O pensar que se quer pensamento no questionar, no aberto finito, em sua pobreza, indigência, no risco de “cair num poço”, no inefável, em fim, o pensar em sua essência: na proximidade da verdade do ser. O pensar como “salvação” ou libertação da essência da técnica, já que ela nos domina a todos. Daí que, para Heidegger, o pensar como tal seja anterior ao lógico e ao ético, formas objetivas do

---

<sup>7</sup> Zeljko Loparic não está aceitando esse vínculo: metafísica e ciência. Só é o que pode ser objetivado. Ele pretende enfraquecer essa ideia ao defender que a objetificação é anterior à metafísica do esquecimento do ser tal como Heidegger a desenvolve, nesse sentido não é sua causa, e, mais do que isso, ele aponta, junto com a arte e a religião, a metafísica como um obstáculo a tal processo de objetificação. Ele defende que a leitura heideggeriana do processo de objetificação do ser no ocidente a partir da metafísica não é suficiente para nos fazer entender tal processo. É necessário então se buscar o entendimento da ciência sem uma metafísica subjacente. Assim ele se expressa: “Para Heidegger, a metafísica é a fonte do processo de objetificação do ente no seu todo. Tentei mostrar que essa tese incorre em dificuldades. O processo de objetificação iniciou-se antes da metafísica ocidental e das considerações científico ou prático: nos trabalhos de Pitágoras e da sua Escola, de Demócrito e de outros pré-socráticos anteriores a Parmênides e Heráclito e desconsiderados por Heidegger. Sem ser fonte da objetificação, a metafísica parece antes ter sido uma forma reativa, conservadora, do mesmo processo. Longe de ser a origem da aspectualidade dos objetos da ciência factual, a objetivação metafísica revelou-se, pelo contrário, um dos grandes obstáculos à objetivação científica, os dois outros sendo a religião e a arte.” (2008, p.41)

ser, que lhe encobre como possível, como livre, como risco. Portanto, diz ele, caso “[...] o homem encontre, alguma vez, o caminho para a proximidade do ser, então deve antes aprender a existir no inefável”. (1987, p.40)

[...] enquanto a Filosofia apenas se ocupar em obstruir constantemente a possibilidade de penetrar na questão do pensar, a saber: a verdade do ser, ela está certamente **livre do perigo** de um dia romper-se na dureza de sua questão.[...]. Se um dia o homem tivesse a sorte de **realizar um tal pensar**, não aconteceria uma desgraça. A ele, pelo contrário, seria concedido o dom que poderia advir ao pensamento por parte do ser. (Id., 1987, p.71, grifo nosso)

[...]

Se o âmbito da verdade do ser é um beco sem saída ou livre espaço em que a liberdade reserva sua essência, isto poderá decidir e julgar todo aquele que tentou, por seu próprio esforço, **trilhar o caminho** indicado, ou, o que ainda é melhor, abrir um caminho melhor, o que significa uma vida mais adequada à questão. Na penúltima página de *Ser e tempo* [...] estão as frases seguintes: “A disputa na interpretação do ser [...] não pode ser decidida, *porque ainda nem sequer foi desencadeada*. E afinal, ela não se deixa introduzir improvisadamente, mas o desencadear da disputa já necessita de uma preparação. É só para isto que a presente **investigação está a caminho**.” Estas frases continuam válidas até hoje, após muitos decênios. **Continuemos nós, também nos tempos vindouros, como viajantes, no caminho para a vizinhança do ser.** (Ibid., p.72, grifo nosso)

Porém,

Com o constante apelo ao elemento lógico, suscita-se a aparência de um empenho no pensar, quando, então, justamente, se renunciou ao pensar.

Destas observações deve ter resultado [...] que a oposição ao “humanismo” não implica, de maneira alguma, o desejo do inumano, mas abre outras perspectivas.

A “Lógica” entende o pensar como a representação do ente em seu ser, pensar que se apresenta o representar na generalidade do conceito. Mas o que acontece com a meditação sobre o próprio ser [...]? [...] Pensar contra a “Lógica” não significa quebrar lanças em defesa do ilógico, mas significa apenas: meditar sobre o *logos* e a sua essência nos primórdios do pensamento. (Ibid., p.77)

Pensar contra “os valores” não afirma que tudo aquilo que se declara como “valores”[...], seja sem valor. Ao contrário, importa, finalmente, reconhecer que, justamente pela caracterização de algo como “valor”, rouba-se a dignidade daquilo que é assim valorado. Isto quer dizer: ao avaliar algo como valor, aquilo que foi valorado é apenas admitido como objeto de avaliação pelo homem. [...]. Todo o valorar, mesmo onde é um valorar positivamente, é uma subjetivação. O valorar não deixa o ente ser, mas todo o valorar deixa apenas valer o ente como objeto de seu operar. [...]. Pensar contra os valores significa: [...] levar para diante do pensar a

clareira da verdade do ser contra a subjetivação do ente em simples objeto. (Ibid., p.78-79)

A “Ética” aparece junto com a “Lógica” e a “Filosofia”, pela primeira vez, na Escola de Platão. As disciplinas surgem na época que permite a transformação do pensar em “Filosofia”, a Filosofia em *episteme* (Ciência) e a Ciência mesma em um assunto de escola e de atividade escolar. Na passagem por esta Filosofia assim entendida, **surge a Ciência e passa o pensar**. Os pensadores antes desta época não conhecem nem a “Lógica”, nem uma “Ética”, nem uma “Física”. E, contudo, o seu pensar não é nem ilógico, nem moral. (Ibid., p. 85, grifo nosso)

Em consonância com isso, Heidegger, refere-se, em um de seus escritos posteriores a *Ser e Tempo*, em relação ao sentido em que toma a palavra metafísica, do seguinte modo:

Esta palavra “metafísica” deve aqui indicar, somente, que as questões que serão abordadas pertencem ao cerne e ao centro da filosofia. Por outro lado, por “metafísica” não visamos um domínio particular no interior da filosofia, distinto da lógica ou da ética. [...]. Queremos, por isso, libertar o mais possível a palavra “metafísica” do que historicamente lhe está ligado. Para nós, ela designa, somente, aquele modo de proceder no qual se corre, em particular, o perigo de cair num poço. (1962, p. 15).

O *cair num poço* está vinculado a um episódio que ocorrera com Tales e fora narrado por Platão. O sentido desse risco é o de chegar, no desenvolvimento de uma questão, a uma situação de desconforto, como a que chegou Heidegger em relação à determinação, por exemplo, do que é uma *coisa* (1992). Todavia, em si tratando de uma questão metafísica, isso não é um problema nem um defeito, pois tal risco lhe é próprio, como disse o trecho citado. O pior, diz Heidegger, seria “[...] para a filosofia [...] querermos, através de qualquer atalho, escapar a esta situação desconfortável.” (1962, p.36).

O sentido que estamos tomando da metafísica, ao falarmos do pensamento [do Ser] da técnica, encaixa-se a essa posterior determinação do termo metafísica dada por Heidegger. Certamente a metafísica clássica chegou a “cair num poço”, ou seja, chegou a situações desconfortáveis no tratamento do ser e de outras questões. O sentido, porém, de metafísico que enfatizamos aqui não é da possibilidade de se cair num poço, mas o do sair da situação desconfortável a que se chegou por um atalho, o se deixar levar por esse atalho. No caso específico da questão do *pensamento* da



técnica, se deixar determinar o pensamento pelo ente-técnica-instrumento sob o pretenso domínio do homem e nele permanecer, perdendo-se de vista o processo empreendido em sua essência não técnica de objetificação do ente na totalidade.

### Conclusão: o que significa pensar ou sobre a outra exatidão

[...] existe um pensar que é mais rigoroso que o pensar conceitual. O pensar que procura antecipar-se, pelo pensar, na verdade do ser, só consegue na indigência, de seu primeiro esforço, transformar em linguagem pouca coisa de dimensão absolutamente diferente. Esta ainda se falsifica a si mesma [...]. Todavia, para tornar conhecida e compreensível esta tentativa do pensar, no seio da filosofia estabelecida só foi possível, primeiro, falar desde o horizonte do estabelecido e recorrendo às experiências que lhes eram familiares. (HEIDEGGER, 1987, p.88-9)

[...] estas expressões tinham que levar direta e inevitavelmente para a errância. Pois, as expressões e a linguagem conceitual nelas integrada, não foram re-pensadas, pelos leitores, a partir da coisa propriamente dita [as coisas elas mesmas] que tinha que ser pensada. Ao contrário, a coisa propriamente dita foi representada a partir das expressões que foram mantidas com suas significações correntes. (Ibid., p.89)

[...] este pensamento não é, nem teórico nem prático. É antes desta distinção que ele acontece e se realiza. Este pensar é, na medida em que é, a lembrança do ser e nada além disso.[...]. Um tal pensar não chega a um resultado: não produz efeito. **Ele satisfaz a sua essência, enquanto é.** Mas ele é, na medida em que diz a sua propriamente dita. À questão propriamente dita do pensar pertence apenas uma *saga (Sage)*, aquela que é adequada ao que constitui a essência da questão. A sua constringência é essencialmente mais alta que a vaidade das ciências, porque mais livre, pois, ela deixa que o ser – seja. (Ibid., p. 90, grifo nosso)

É na edificação da *casa* do ser, diz-nos Heidegger, que o pensar trabalha (Ibid.). Sendo a casa do ser a linguagem (Ibid., p.3), pensar é, aqui, edificação da linguagem do ser. Tal casa-linguagem assume em Heidegger a forma de um horizonte ontológico-fenomenológico-hermenêutico, ou seja, a forma de uma *Interpretação originária*. Quando se faz uma proposição a partir desse horizonte tudo fica numa “relatividade produtiva”<sup>8</sup>. Daí a importância de se enfatizar na e para a vida humana tal horizonte: o originário. Horizonte que tem em Heidegger um momento central na ênfase à sua impossível “determinação” objetiva.

<sup>8</sup> Expressão a ser desenvolvida na parte II desse nosso texto.

---

Lendo-se a questão do pensamento da técnica via *interpretação originária*, pensar, “filosoficamente”, algo significa:

1-pensar esse algo na tradição filosófica e pensar isso “por nós mesmos”, ou seja, em nossa existência: em nossa direção de pensamento; pondo o pensar da tradição no jogo com a minha existência;

2-o modo de pensar ontológico-fenomenológico-hermenêutico não procede por mera “soma” de resultados corretos sobre algo ao longo da história de suas várias manifestações, ou seja, por mera historiografia filosófica (HEIDEGGER, 2006, p.275-6) e por via da ideia de meio e fim, causa e efeito;

3-tal modo de pensar nada tem a ver com provas e comprovação de algo; ele não “esclarece” o ser pelo ente, por isso tem uma “queda” pelo idealismo como *lugar* do pensamento, se idealismo significa: compreender essa impossibilidade de se esclarecer o ser pelo ente, já que para todo ente o ser já é “transcendental” (Ibid., p.277);

4-pensar é manter e se manter na “diferença ontológica”; é mover-se na direção do *impensado* em todo pensamento; “Interpretar ontologicamente [...] não significa uma recondução ôntica a um outro ente (Ibid., p.279).” Ele tem como “dado primeiro” do pensar: o ser-no-mundo, que já se abriu *como* mundo circundante (*Umwelt*) e a *aletheia*;

5-ele sempre implica, em última forma, num “salto hermenêutico”, o pensamento originário é um “salto hermenêutico”. Heidegger critica a ideia de que o pensar para ser pensamento de fato tenha que enteficar o pensado; ter uma utilidade; ser compreendido imediatamente; e tenha que ser um pensamento último: vise o absoluto dizer, vise validade universal.

Daí que, a metafísica “superada”, que advém do pensar, assim caracterizado, não ser abstrata, mas “concreta”, isto é, tem como “terreno fenomenal” a existência. A existência mesma como metafísica. Não a existência como tal, geral, mas a existência “a cada vez” minha (facticidade).<sup>9</sup> Heidegger, por isso, nega todas as tentativas de explicar o ser-em (relação homem e mundo) via conhecimento. Via procedimento

---

<sup>9</sup> Ver HEIDEGGER, M. *Ontologia-Hermenêutica de la facticidad*. Trad. de Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

analítico. Desiste de querer determinar a apreensão das coisas via processos mentais, tal como a teoria clássica da abstração de Aristóteles, por exemplo. Pensar é não se deixar perder na imensidão de construtos teóricos que o homem antepõe “as coisas elas mesmas”, mas manter-se junto a elas, junto a um primeiro e único encontro com elas mesmas e o que elas nos dizem.

Se, por um lado, nosso pensamento é analítico, *nossa vida*, por outro lado, é una. Nela não há fragmentação alguma, diz Heidegger (2005). Prova disso é que esse mesmo pensamento, que separa, vive à busca dessa unidade. Daí que,

Numa ordem metodológica, a análise existencial precede as questões da biologia, psicologia, teodicéia e teologia da morte. Do ponto de vista ôntico, seus resultados mostram o **caráter formal** e vazio [neutro] de toda caracterização ontológica.[...]. Isso não deve cegar a visão para a riqueza e complexidade do fenômeno. (Id., 2006, p.323, grifo nosso)

O que impede de cegar a visão aqui é o que Heidegger chama de “aceno formal”. Com ele se tem uma relação com a lógica, já que “completar e saborear” são as expressões com que o filósofo explicita esse aceno e essa formalidade. Há, sim, aí a ideia de algo sem conteúdo, de um lugar vazio que precisa ser preenchido, completado e que só então pode ser saboreado (sabido). A mostraçã do ser é tal que ela implica, exige, “aceno formal”, isto é, no que é mostrado, exige-se o completar por parte da experiência de cada um a quem é mostrado. Só assim é saboreado (SAFRANSKI, 2000, p.497).

Formal, portanto, não tem a ver com uma maneira de mostrar por fórmulas vazias de conteúdo, como na lógica formal. Contudo, Heidegger não é contra a lógica e a ciência, mas um crítico das mesmas enquanto formas reducionistas do ser — na lógica o ser é reduzido à cópula. Na ciência, que vive dessa lógica, é reduzido a objeto. Os “acenos formais” de Heidegger não se deixam formalizar por essa lógica da proposição. Eles são exigências do ser e a elas se aplicam. Eles nada têm a ver com algo “solto no ar”. Ao contrário do que se possa pensar, aqui Heidegger pretende pôr em xeque a lógica como fundamento. Ele quer dizer que o que está sendo dito só pode ser visto no momento mesmo do viver. Daí só caber como o modo adequado do dizer — o aceno para aquilo que é dito no dito. Daí seu caráter formal, ou seja, não pleno,

incompleto ou completo só enquanto modo exigido pelo ser mesmo, ou seja, pelo que está sendo aí “formalizado” (dito no aceno).

O dizer como aceno nunca substitui a vida mesma. O pressuposto aqui não é só o de que é possível *ver* algo sem considerá-lo objetivamente, mas que neste caso, na questão do ser, só assim o vemos. Daí porque Heidegger remete isso ao “teatro nô” (2004), no qual não há cenário algum, mas apenas “gestos”. Quem assiste deve *ver* nos gestos o que se quer dizer. Se o “gesto” é bom ele mostra sem objetivar o que só assim pode ser visto. Ele acena para algo que só pode ser dito assim, através do gesto. Isso que se vê sem considerar objetivamente é o sentido. O pensamento que lhe corresponde é o pensamento de sentido, o *como hermenêutico*, a *interpretação originária* — o que nos encaminha para nossa “morada humana” (*ethos*); para o digno de ser pensado: o sentido, a verdade, o lugar do ser: o originário, o *desde onde se fala*.<sup>10</sup>

## Referências

Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser. Trad. de Antonio Abranches. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-RIO: *O que nos faz pensar*, nº 10, vol.1, outubro, 1996.

LOPARIC, Z. A metafísica e o processo de objetificação. *Natureza humana*, v. 10, n. 2, p. 9-44, jul.-dez., 2008.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária. São Francisco, 2006.

\_\_\_\_\_. *Kant y El problema de la metafísica*. Trad de Gred Ibscher Roth. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

\_\_\_\_\_. *Carta sobre o humanismo*. Trad. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimaraes Editores, 1987.

\_\_\_\_\_. De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. In: *A caminho da linguagem*. Trad. de Marcia Sá C. Schuback. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

<sup>10</sup> Ver CABRAL, A. M. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Mauad Editora, 2009.

---

\_\_\_\_\_. *A Origem da Obra de Arte*. Trad. de Maria da Conceição Costa, Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. A questão da técnica. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Trad. de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de A. Prado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Trad. de Jasús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Marcas no caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Que é uma coisa*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

SAFRANSKI, R. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

TZU, L. *O tao da graça*. Comp. e Trad. de Paulina Maturana G. Meisen. Blumenau, SC: Editora Eko, 2006.

---

Doutor em Filosofia (UFPB/UFPE/UFRN)  
Professor de Filosofia da UFPI  
E-mail: jrbdias@ufpi.edu.br